

ARTE E IMAGINAÇÃO À LUZ DA TEORIA VYGOTSKYANA

Maria Verónica Pascucci¹

Resumo: Este artigo propõe-se a analisar o pensamento de Lev Vygotsky no que diz respeito à Arte e Imaginação e suas implicações na Educação Infantil. À luz das obras de Vygotsky “Psicologia da Arte” e “El Arte y la Imaginación en la Infancia”, objetivamos compreender o papel da Arte no processo de humanização, a dinâmica do ato criador e as relações entre atividade criadora e realidade.

Percorreremos o caminho da atividade criadora perpassando pelo papel da imaginação, da experiência alheia, do despertar da emoção e de como ela influencia as imagens, para chegarmos, finalmente, ao campo da criação pura e da transformação criadora. Visamos a enfatizar a importância das atividades oferecidas na escola e o papel do professor como mediador de experiências que guardam em si forças de transformação.

Palavras-chave: Criação e realidade. Imaginação. Criação pura. Transformação criadora.

Abstract: This article aims at analysing Lev Vygotsky’s idea in relation to Art and Imagination and their implications in Children Education. It focuses on “Psicologia da Arte” and “El Arte y la Imaginación em la Infancia, to understand the role of art in the humanization process, the dynamics of the creating act and the relations between the creating activity and reality. We pursue the creating act going through the role of the imagination, of one’s experience, the arising of the emotions and how it influences the images to finally reach the pure creation and the creating transformation. We emphasize the importance of the activities worked in class as well as the role of the teacher as a mediator of experiences that support by themselves transformation.

Key words: Creation and reality; Imagination; Pure creation; Creating transformation.

¹ Professora Assistente do Departamento de Artes da Universidade Federal do Maranhão. Doutoranda em Educação pela UNESP, Marília, SP.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a Arte foi a forma cultural mais cara ao coração de Vygotsky. Em 1925 escreve um tratado sobre Psicologia da Arte que será base de seu pensamento futuro. A partir dele, o autor passará a considerar as diferentes variáveis atuantes no desenvolvimento humano e sua relação com a Arte. Segundo Yarochevsky, essas variáveis são “socioculturais (os signos estéticos da arte enquanto tal), fisiológicas (os processos produzidos por esses signos no sistema nervoso) e psicológicas (os sentimentos experimentados pessoalmente ante as obras de arte)” (YAROCHEVSKY, 1989, p.4).

Em 1930, quando Vygotsky lecionava Psicologia e Pedagogia em Moscou e Leningrado, escreve um ensaio psicológico sob o título de “Imaginação e Arte na infância”. Este artigo baseia-se fundamentalmente nessas duas obras. Assim, compreenderemos o papel da arte no processo de humanização, a dinâmica do ato criador, as relações entre atividade criadora e realidade. Percorreremos os estágios da criação até chegar à função da imaginação no campo da criação pura e da transformação criadora.

FUNÇÃO DA ARTE NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

A concepção histórico-cultural parte do princípio de que o indivíduo aprende a ser homem, se humaniza, na sua relação constante com o ambiente histórico-cultural no qual está inserido. Nessa relação ele permanece ativo, interioriza ações exteriores e estabelece uma relação com o meio apropriando-se, dessa forma, do desenvolvimento histórico de toda a humanidade.

Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Dessa forma e como consequência dessa relação indivíduo-meio ambiente, o que a humanidade aprendeu passa de geração em geração, multiplicando-se e aperfeiçoando-se. Por meio dos produtos de seu

trabalho que é atividade vital criadora, os homens “passam testemunho” às gerações vindouras.

Para o próprio Vygotsky, o social é muito mais do que o coletivo e existe mesmo onde há apenas um homem. Os objetos da cultura guardam o acervo da atividade humana e o homem, ao conviver com esses objetos, apropria-se da atividade humana anterior.

O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. Por isso, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social. (VYGOTSKY, 2001, p. 315).

Cabe perguntarmos: Qual o papel da Arte nesse processo? Nas palavras de Marx, “A Arte é o social em nós” (MARX apud VYGOTSKY, 2001, p. 315).

Sabemos que a Arte está intimamente ligada aos sentimentos. Do ponto de vista do senso comum, ela é produto de um sentimento, sendo também percebida pelo contágio desse sentimento. Para Vygotsky, no entanto, a Arte e o sentimento que a produz adquirem, no ato da sua expressão, uma dimensão mais ampla:

[...] a arte recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material. Verifica-se, deste modo, que o sentimento é inicialmente individual, e através da obra de arte torna-se social ou generaliza-se (VYGOTSKY, 2001, p. 308).

Nesse sentido ela é uma espécie de sentimento social, faz parte do processo que equilibra a relação entre indivíduo e meio ambiente. Um sentimento por si só não é capaz de criar arte. Ela só acontece quando a energia desse sentimento é deslocada “para além do limiar da consciência, de onde retorna transformada em novas formas de atividade” (VYGOTSKY, 2001, p. XV). Portanto, para que a criação artística aconteça, é necessário um movimento em direção às camadas mais profundas do ser. Nesse lugar, aquele que cria se une com um “cosmo físico, social e cultural, onde se constroem e se multiplicam variedades de facetas e nuances que caracterizam o homem como integrante desse cosmo” (idem, p. XV).

Afirma Vigotsky:

Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda um ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza (VYGOTSKY, 2001, p. 314).

Concordamos com Vigotsky no que diz respeito à necessidade de superação do indivíduo para que a Arte se realize. Porém, acreditamos que, após o esforço e como coroação do mesmo, algo é revelado, dado ao artista de presente, e que faz com que a obra se torne Arte. Nem todo esforço do artista é coroado dessa forma. Às vezes são necessários anos de dedicação e entrega. Ao nosso entender isso é revelação, precisa do artista para ser revelado, mas, independe dele.

O mesmo acontece na percepção da Arte. A percepção é também um ato de criação. Lá onde o artista cria e onde o observador percebe, os homens se unem. É como se a Arte da obra e as cordas que ressoam no interior do artista que a produz e/ou daquele que a percebe entrassem em sintonia produzindo uma música peculiar. Nas palavras de Vigotsky, “[...] é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude” (VYGOTSKY, 2001, p.314).

Entende-se que o indivíduo alimenta sua subjetividade tornando-a objetiva por meio do diálogo com o mundo exterior.

A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (VYGOTSKY, 2001, p.315).

Ressaltamos ainda o pensamento de Vigotsky a respeito da obra de arte como produto da superação individual nas palavras de Duarte:

[...] o artista supera sua particularidade individual no processo de construção da particularidade da obra de arte. A obra de arte é sempre uma obra única, particular, sempre representa um mundo único, particular, mas ela não é um retrato imediato e mecânico da particularidade individual do artista. Da mesma forma [...] pode-se dizer

que nessa fruição, quando ela é verdadeiramente artística, o indivíduo supera (sem eliminar) seu ponto de visão particular e coloca-se dentro do universo constituído pela obra de arte (DUARTE, 2001, p. 68).

Diante do exposto fica claro que há relação profunda, intrínseca entre obra de arte, o artista que a produz e o indivíduo que a percebe. Sendo assim, faz-se necessário compreender o mecanismo da criação artística como base dessa interação.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Vimos acima que a força surgida da superação do sentimento é propulsora do ato criativo. Vygotsky aponta para duas formas de criação, uma reprodutora e outra eminentemente criadora. Na primeira, o homem reproduz ou recria objetos tanto do mundo exterior quanto do universo de seus pensamentos e sentimentos. Para isso, vale-se da memória, receptáculo que guarda os acontecimentos da vida, como, por exemplo, quando o homem reproduz ou recria a partir de lembranças de experiências vividas, antigas impressões ou quando reproduz objetos que estão à sua frente e foram assimilados, objetivados e re-elaborados. Nesse sentido nada novo é criado, apenas se reproduz o já existente.

A segunda forma criadora não retira seu material de elementos já vivenciados, guardados na memória. Pelo contrário, utiliza-se da imaginação para se projetar num passado ou num futuro que não faz parte daquilo guardado no acervo de experiências. A imaginação ou fantasia é uma força que “se manifesta em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica” (VYGOTSKY, 2003, p.10).

Movido pela força da imaginação, o homem modifica seu presente. Nesse sentido, tudo o que existe e foi criado pela mão do homem surgiu de um ato de imaginação.

Todo descobrimento, grande ou pequeno, antes de se realizar na prática e se consolidar, esteve unido à imaginação como uma estrutura erigida na mente por meio de novas combinações e correlações. [...] Todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, são algo assim como fantasia cristalizada (RIBEAU apud VYGOTSKY, 2003, p.10)².

² “La imaginación y el arte en la infancia”. Tradução própria.

A força da imaginação que impulsiona a atividade criadora está especialmente ativa na criança. Até diríamos mais livre, já que a estrutura psíquica da criança ainda não foi ofuscada, limitada ou transformada pelos mecanismos psíquicos e sociais desenvolvidos no indivíduo adulto. Essa força criadora está presente no jogo, na brincadeira. Neles, os elementos da experiência são recriados, re-elaborados de forma criativa, dando origem, assim, a novas realidades. Nisso consiste a diferença entre a atividade lúdica dos animais e a brincadeira infantil. Como aponta Leontiev: essa diferença reside no fato de que a brincadeira da criança não é instintiva, mas precisamente humana, atividade objetiva que, por constituir a base da percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras (VYGOTSKY, LURIA e LEONTIEV, 1992, p. 120). Assim, o brinquedo é visto pela criança como um mundo ilusório e imaginário, pleno de sentido ou, como aponta Vygotsky, “a imaginação é brinquedo sem ação” (VYGOTSKY, 2002, p.123).

Vimos até aqui que a superação do sentimento leva o homem aos domínios da imaginação, que, por sua vez, torna-se força propulsora da atividade criadora, entendida esta como a forma explícita, como um sujeito que, numa determinada idade, se relaciona melhor com o real/cultura. Faz-se necessário, compreender qual a ligação entre essa atividade criadora, que pertence ao mundo da imaginação, e a realidade.

ATIVIDADE CRIADORA E REALIDADE

Vygotsky destaca quatro formas básicas que ligam a atividade criadora à realidade. A primeira diz respeito aos elementos da imaginação. Eles são retirados da realidade, re-elaborados, formando assim novas combinações do já existente.

A atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e variedade da experiência acumulada pelo homem porque essa experiência é o material com que este levanta/erige sua fantasia (VYGOTSKY, 2003, p.17).

Assim, a abundância da fantasia depende diretamente da riqueza e variedade da experiência. Atividades ricas, variadas e diversificadas são guardadas no mundo interior da criança como experiência. Sendo assim,

o papel do professor é fundamental nesse processo, já que a riqueza das atividades oferecidas dependerá da sua criatividade, do seu entusiasmo.

Quanto a criança mais ouça, mais veja e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais existam na sua experiência tanto mais considerável e produtiva será a atividade da sua imaginação. (idem, p. 17).

A segunda forma não depende somente do próprio indivíduo, inclui também a experiência alheia. Por exemplo, para imaginar a vida de povos antigos, foi necessário que outras pessoas relatassem as suas experiências a respeito, somente então pode-se assimilar e criar com elas novas combinações. Se ninguém tivesse relatado ou descrito a vida desses povos, não se poderia ter uma ideia deles. Nesse caso, a imaginação não é livre, depende e é guiada pela experiência alheia. Assimilam-se desta forma, experiências sociais e históricas.

Resulta, assim, uma dependência dupla e recíproca entre realidade e experiência. No primeiro caso a imaginação se apoia na experiência, no segundo é a experiência que se apoia na fantasia (VYGOTSKY, 2003, p.20).

Na terceira forma de vínculo entre imaginação e realidade aparece novo elemento: a emoção. Os sentimentos influenciam de forma direta as nossas imagens, pensamos ou imaginamos de forma diferente dependendo da nossa alegria ou tristeza naquele momento. Por outro lado, eles interferem ou influenciam a nossa percepção da realidade. Na Psicologia, esse fenômeno é conhecido como lei da dupla expressão dos sentimentos.

Acontece, também, o fato de as imagens da fantasia selecionarem elementos da realidade e combiná-los de acordo com o estado interior de ânimo, independente da lógica externa deles. Na Psicologia, esse fenômeno é conhecido como lei do signo emocional comum.

Imaginação e emoção podem estar vinculadas de outra forma. No caso acima vimos que o sentimento pode influenciar a imaginação. Mas a imaginação pode vir a influenciar os sentimentos ou a emoção e, conseqüentemente, a nossa percepção da realidade. Vygotsky dá a este fenômeno o nome de lei da representação emocional da realidade.

Isto significa que tudo o que nossa fantasia constrói influi reciprocamente nos nossos sentimentos e, mesmo que essa construção nada tenha a ver com a realidade, todos os sentimentos provocados por ela são reais.

Isto explica o porquê das profundas impressões causadas em nós por obras de arte criadas pela fantasia de seus autores. Frequentemente uma simples combinação de impressões externas, como por ex. uma obra musical, desperta no ouvinte um universo complexo de emoções e sentimentos. A base psicológica da arte musical reside justamente em expandir e aprofundar sentimentos, em os re-elaborar de forma criadora (VYGOTSKY, 2003, p.23).

Mais uma vez destacamos a importância das atividades oferecidas às crianças na escola. A seleção das atividades artísticas ou mesmo a fruição da arte por parte das crianças deve ser meta de todo professor, confiando que a Arte realiza sua função no interior de cada um, de forma silenciosa, única; é propiciada pelo outro, neste caso o professor, mas independe dele.

Chegamos assim à quarta forma de vínculo entre imaginação e realidade. Entramos aqui no campo da criação pura e da transformação criadora.

Aquilo que a fantasia constrói pode representar algo completamente novo, algo que não existe anteriormente na experiência do homem nem é semelhante a nenhum objeto da vida real. Ao receber forma nova, ao adquirir uma nova encarnação material, essa imagem ‘cristalizada’, convertida em objeto, começa a existir realmente no mundo e a influir sobre os demais objetos.

Os elementos que fazem parte da imaginação são tomados da realidade. No pensamento do homem sofrem complexa re-elaboração e convertem-se, assim, em produto da imaginação. Por último, ao se materializar, voltam à realidade trazendo consigo uma força ativa, nova, capaz de transformar essa realidade. Assim se fecha o círculo da atividade criadora da imaginação humana (VYGOTSKY, 2003, p. 24-25).

Misturados no nosso interior pela imaginação, os elementos retirados da realidade são combinados ou articulados. A volta desses elementos ao mundo externo pode se tornar criação pura. Fecha-se assim o círculo da atividade criadora, ou seja, quando esse círculo se fecha, os fatores intelectuais e emocionais se unem para gerar o ato criador: “pensamento dominante e emoção dominante”.

Vygotsky pergunta então: “Para que necessitamos da obra de Arte? Não influi ela no nosso mundo interior, nas nossas ideias e nos nossos sentimentos da mesma forma como o instrumento técnico no mundo exterior, no mundo da natureza?”. Ele mesmo responde: “A obra de arte é forte não por sua força exterior, mas pela sua verdade interna” (VYGOTSKY, 2003, ps. 26-27).

MECANISMO DA IMAGINAÇÃO CRIADORA

Voltemos agora ao processo de criação. Aquilo que os sentidos percebem são ingredientes retirados da realidade e ponto de apoio para o ato da criação. Os sentidos atuam assim como uma porta de entrada que permite a passagem dos materiais com os quais a fantasia será alimentada. De posse desses materiais, o indivíduo reorganiza-os, faz novas combinações, ora dissociando-os, ora associando-os.

Na dissociação, separa as partes percebidas por comparação com outras, descartando umas, guardando na memória outras. Essa atividade de escolha é “base para o desenvolvimento do pensamento abstrato e da compreensão figurada” (VYGOTSKY, 2003, p.32).

Uma vez que o processo imaginativo fez a sua seleção passa a associar os materiais escolhidos de forma nova, reagrupando-os e modificando-os. “O círculo completo da atividade da imaginação criadora se fecha somente quando a imaginação encarne e cristalize em imagens externas” (idem, p.35).

Cabe destacar aqui que todo esse processo da imaginação somente acontece quando há uma inquietude interior que leva o indivíduo a querer se adaptar ao meio que lhe rodeia. Por outro lado, essa inquietação poderá ou não ser produzida pelo meio no qual esse indivíduo está inserido. Mais uma vez destacamos a importância das atividades oferecidas na escola.

As necessidades individuais, os desejos, os sonhos impossíveis, todos eles impulsionam a imaginação rumo à ação criadora. A existência de necessidades e anseios movimenta o processo imaginativo retirando das excitações nervosas o material para o seu funcionamento.

Nesse sentido, a Arte é como uma mão estendida pela vida que nos impulsiona à frente, guarda em si forças de futuro, de crescimento, de caminhada rumo à superação.

A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela. (VYGOTSKY, 2001, p. 320).

Sendo assim, não restam dúvidas a respeito da importância da arte como mediadora de crescimento e desenvolvimento integral do ser humano. Esse crescimento integral dependerá, em grande escala, da riqueza, intensidade e variedade de experiências. Portanto, o entorno e a qualidade das atividades oferecidas na escola são responsáveis pelo despertar das crianças para aquilo que há de mais transcendente em suas vidas. “A imaginação criadora penetra com sua obra toda vida pessoal e social, imaginativa e prática em todos seus aspectos: é ubíqua” (RIBAUD apud VYGOTSKY, p. 52).

Para finalizar esse artigo, queremos destacar a importância da arte na escola e o papel fundamental que o professor exerce na formação da criança.

É provável que os futuros estudos mostrem que o ato artístico não é um ato místico celestial da nossa alma, mas um ato tão real quanto todos os outros movimentos do nosso ser, só que, por sua complexidade, superior a todos os demais. [...] Ensinar o ato criador da arte é impossível; entretanto, isso não significa, em absoluto, que o educador não pode contribuir para a sua formação e manifestação (VYGOTSKY, 2001, p.325).

O acesso à cultura acumulada histórica e socialmente é elemento essencial nesse processo e dependerá de todos nós, professores, para que aconteça de forma profunda e transformadora na vida das crianças.

REFERÊNCIAS

DUARTE, N.: **Educação escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vygotsky**. 3. ed. Campinas SP, Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 55).

LEONTIEV, A.N.: **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa, Livros Horizonte, 1978. (Tradução de Manuel Dias Duarte).

VIGOTSKY, L.S.: **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. **La Imaginación y el Arte en la Infancia**. Madrid, Akal, 2003.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S., LURIA, A.R., LEONTIEV, A.N.: **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 4. Ed., SP: Ícone, 1992. Tradução de Maria da Penha Villalobos.

